



7/73

17 - סוכנות ; ארגון - תלמידי - חינוך - חינוך

1947 - 1948 - 1949

Dror
Ris - Reconhecimentos - jornais - Membros - Relatórios
1947 - 1948 - 1949

Movimento Juvenil Chalutziano
DROR-HABONIM - BRASIL

חברות - תלמידי - תלמידי - תלמידי - תלמידי

19 : סוכנות - חינוך

2449 : סוכנות - חינוך

009-001-005/02337 : סוכנות

PASTA

(4)

7/2

1

מכיון קיום
\$ כולל לעלות
ההוצאות.
למיה זאת 1948

Rio

Tito - reescrevi, o que eu li -
na festa em Bror Hail.

O pedido era: "Quem fomos,
No que nos tornamos."

Tinha que ser em português e no espaço
de 4 minutos;

Como eu nunca soube datilografar,
prefiro escrever a mão.

Estou fora do Brasil, há mais de
50 anos. Sou livre a liberdade, de corri-
gir, o que for necessário.

O "Bror" no Rio, teve nos seus 10^{os}

anos duas dirigentes: a Hana Tzetlinovsky
- filha do conceituado rabino do Rio,
e de fundou o smif e quando ela
foi para a hachshara e fez aliá, eu
voltei do maçon e a substituí na
dirigência - nos anos 1949-1953.

As nossas famílias eram amigas,
e nos duas, também, desde a tenra infância.

Famílias extremamente ortodoxas, numa
cidade, em que poucas eram as famílias
que assim viviam.

O pai de Hana, era o rabino, como já
disse, e o meu pai foi o homem que lutou
e instituiu a educação religiosa no Rio.

o fundador do talmud torá.

Nos seguíamos ao pé de letra os Taryag
(צ"ח) mitzvot, pois, assim eu entenda,

II

era a forma de permanecer judeus
e não se assimilar, num país, em que
isso era possível e até fácil.

Alguns exemplos:

Se eu estivesse viajando no bonde
numa sexta-feira, e o fim me dizia que
o shabat está chegando, eu não tinha
divida — desceria do bonde, jogava fora
o dinheiro e continuava o caminho
a pé.

Estudei no Pedro II, o curso científico
durante os 3 anos, me ausentei das
aulas e provas, nos sábados e feriados
judeus, com uma exceção:

A última prova de matemática
caiu num sábado e não havia como adia-
lá. Caminhei uns ~~2~~ bons kms a pé,
me apresentei perante a banca examina-
-dora, e lhes expliquei que a minha
religião não me permite escrever no
sábado, portanto só posso fazer prova
oral. Eles aceitaram. Eu sempre foi
grato a este gesto de compreensão.
Terminada a prova (que aliás foi
muito bem sucedida) fiz a jornada de
volta, a pé.

Creio que ainda existe, quando se
lembra de mim na minha 'de 1946, na
fazenda do Sol (pai por).

Eu não tinha nenhum cargo oficial,
e me quebrei muitos pratos, quando os
meus companheiros ingenuamente
misturavam os pratos de carne com os de leite.

Vivi assim, morado por profunda
orange, que este é o caminho para judeus
no gola'.

Mas os sblichim que conseguiram a
aparecer no Brasil desde 1946, desperta-
ram em nós, a vontade de ir para Israel
Até então eram um sonho. Israel era inatin-
-gível.

Contávamos, sonhávamos, mas as
portas estavam fechadas.

No fim de 1947 a Agência Judaica,
resolveu enviar para Israel, um grupo
de jovens. Eles iriam passar um ano
de vivência em Israel, mas se compor-
-metiam a voltar e atuar no campo
educativo, durante 2 anos.

Meu sonho estava perto de se realizar.

A minha família era sionista,
como já disse, até muitos deles viviam
em Israel — mas viver com um grupo
de moços e rapazes, numa sociedade
laica, não agradou a meu pai.

Conf. de
de graças

Ele tinha outros planos para mim
a proposta dele, era que eu fosse
aos Estados Unidos para um semi-
-nário de professores religiosos.

Eu que sempre tive um enorme
respeito e admiração, pelo meu pai
batli' pi, e viaja contra a vontade dele.

Em 1948 desembarquei em Haifa
com mais 3 companheiros do Brasil
nos não pertencíamos ao mesmo
movimento — eu fui como enviado pela
Unificação Juvenil (a partidári)

Vivi em Israel no ano de 1948 —
o ano mais marcante de nossa história.
O ano de Declaração do Estado, o ano de
guerra de libertação — Participei das
eleições — e

1 ✓

conheci o kibutz de perto (virei na be-
alguns meses) — foi um ano — sonho —
mas de sonhos se acaba —

Voltei ao Brasil, para o mesmo Brasil
para a mesma família, mas eu não
era mais a mesma.

Por influência dos seminários, en-
contros, e não poucas vezes juntei
me ao meus companheiros do movi-
mento laico e de esquerda.

Os problemas em casa começaram
Meu pai não aceitou a minha nova
vida e entrou em atrito
acabei abandonando a minha casa que
me machucou profundamente os meus pais.

Voltei de Israel, sabendo que eu
voltaria para lá.

Aceitei a ideologia do movimento
que o certo é viver num kibutz
e dedicar-se ao trabalho produtivo —

— a religião — eu não precisava
dele como protetora do judaísmo,
pois eu vivia na terra dos judeus.

Assim, ante de Laapa, eu fiz a minha
Laapa.

Voltei para a faculdade, para me
despedir.

Por quase 4 1/2 anos eu vivi, comi,
dormi, sonhei — movimento
e até me casei com o movimento —

Dedicado
inteligente
ao mov.

Nada era difícil. V
Pensoões, discussões ideológicas inter-
mindres.

Viagem de trem de segunda classe, pelo
Brasil a juze.

Alimentar-se de pão com manteiga
e melão.

Trabalhar nos colchoes do snif, ou
na casa do shifty.

Correr pelo feira com a Crispina
mãe. (era uma mulher que vivia no
porta do snif) para poder alimentar
com pouco dinheiro os companheiros
do shifty.

Assim vivemos, e assim vivi eu.

Olhando para trás, eu acredito,
que a sólida base financeira que
tenho recebido na infância e na juventude
me ajudaram muito.

Nós não eramos só socialistas,
nós eramos primeiramente, judeus.
